

As tramas ficcionais do corpo, gênero e moda: um olhar sobre a experiência drag

The fictional weave of the body, gender and fashion: a look at the drag experience

Rafaela Travassos Sarinho¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4703-6505>

Carlos Eduardo Félix da Costa²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4148-4430>

[**resumo**] Esse trabalho parte dos modos de produção dos sujeitos e de seus corpos, para pensar sobre a constituição de modelos de normalidade baseados na heterossexualidade e na binaridade de gênero. Dessa fundamentação, traça um olhar sobre a produção de corpos dissidentes, sujeitos que refutam tais parâmetros, engendrando específicos modos de constituição, reivindicando outras possibilidades para os seus corpos. Assim, a experiência *drag* aparece como um modo de subjetivação que, ao apropriar-se dos significantes presentes no sistema de moda, qual seja, dos diversos códigos do feminino e do masculino disponíveis na cultura, borram as fronteiras do que pode um corpo, produzindo novas tramas.

[**palavras-chave**] **Corpo. Gênero. Sexualidade. Moda. Drag.**

[**abstract**] This work starts from the ways in which subjects and their bodies are produced in order to think about the constitution of models of normality based on heterosexuality and gender binarity. From this foundation, it looks at the production of dissident bodies, subjects who refute these categories, engendering specific modes of constitution, claiming other possibilities for their bodies. In this way, the drag experience appears as a mode of subjectivation which, by appropriating the signifiers present in the fashion system, and the various codes of feminine and masculine available in culture, blurs the boundaries of what a body can do, producing new weaves.

[**keywords**] **Body. Gender. Sexuality. Fashion. Drag.**

Recebido em: 23-10-2023

Aprovado em: 18-02-2024

¹ Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), nesse percurso foi contemplada com a Bolsa FAPERJ Nota 10. Integrante do Laboratório Interdisciplinar em Natureza, Design & Arte (LINDA) da PUC-Rio. E-mail: rafasarinho@gmail.com – <http://lattes.cnpq.br/7312388728535860>

² Doutor em Linguagens Visuais pela UFRJ. Artista plástico e professor pesquisador no Departamento de Artes e Design da PUC-RIO, onde coordena o LINDA – Laboratório Interdisciplinar em Natureza, Design e Arte. E-mail: cadu@puc-rio.br – lattes.cnpq.br/0757744155897986

Introdução

Nesse trabalho nos debruçamos sobre os processos de desnaturalização dos corpos para pensar sobre como as normas e os códigos da cultura se colam aos indivíduos, produzindo falsas substancializações. Guiado pelos escritos de Michel Foucault, Judith Butler e Paul B. Preciado, iniciamos o artigo pensando sobre como a modernidade irá investir nos corpos dos sujeitos, engendrando modelos de normalidade, produzindo, entre muitas coisas, a falsa ilusão de que somos biologicamente fundados na heterossexualidade e na binaridade de gênero. Nessa esteira, atentamos para como os significantes da cultura propiciam efeitos de “colagem” de uma série de códigos nos corpos dos sujeitos, engendrando a sensação de que alguns destes códigos encontram-se “naturalmente” destinados à corporalidade feminina, enquanto outros encontram-se destinados ao corpo do homem. Desses arranjos, vemos se produzir também um conjunto de sujeitos dissidentes que reivindicam outras possibilidades para os seus corpos, denunciando o modelo “natural” predominante. Dessa fundamentação, este trabalho constrói um olhar sobre a experiência *drag*, observando como os significantes presentes no sistema de moda auxiliam esses sujeitos a produzirem outros modos de existência. Ao passearem entre muitos significantes, apropriando-se de diversos códigos do feminino e do masculino disponíveis na cultura, vemos esses corpos vagarem, performando e borrando as fronteiras do que pode um corpo. Concluímos que ao quebrarem certas bases normalizantes, os corpos *drags* escancaram as *tramas ficcionais* que nos constituem.

As tramas do corpo, sexualidade e gênero

No primeiro volume da *História da Sexualidade*, publicado em 1976, Michel Foucault introduz em seu projeto filosófico a problemática do corpo e da sexualidade. Se em obras anteriores, o autor problematizou o corpo a partir, por exemplo, dos modos de puni-lo e de vigila-lo³ em diferentes modalidades de poder, no projeto de *A vontade de saber*, Foucault desenha novos contornos. Nessa concepção, o corpo deixa de ser visto como uma constante para ser pensado como uma variável. E o poder, não mais é pensado como uma força externa de coerção, passa a ser tomado como uma instância constituidora dos sujeitos. A partir da noção de dispositivo⁴ – fundamental em seu projeto filosófico –, Foucault rompe com a *hipótese repressiva*, indicando os rumos produtivos do poder. Ele examina, a partir de um mergulho no *dispositivo da sexualidade*, como o poder incita, produzindo corpos sexualizados.

De uma concepção positiva do poder, o autor vai pensar como a modernidade irá lidar com as temáticas do corpo e da sexualidade, investindo e engendrando saberes, práticas e técnicas, produzindo *incessantemente* suas verdades. Também observa como as disciplinas modernas, que nascem com a instituição das “ciências humanas”,⁵ irão procurar dizer a verdade do homem a partir de um olhar sobre o seu corpo, sua fisiologia, anatomia,

³ Para mais, ver: Foucault, 2014.

⁴ Esse conceito será ilustrado no tópico seguinte.

⁵ O autor vai aprofundar a questão da emergência das ciências humana na obra *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Para mais, ver: Foucault, 2007.

sexo, sexualidade etc. Na esteira do autor, Butler (2003) apresenta, em *Problemas de gênero*, como a medicina irá buscar, não apenas enunciar a verdade do corpo, mas demonstrar, a partir de provas científicas, a naturalidade do sexo, tanto pela via do discurso biológico, quanto pela retórica da anatomia. A autora observa como a ciência moderna irá ontologizar o sexo feminino e masculino a partir de um conjunto de definições. No oferecimento de explicações acerca, por exemplo, da constituição hormonal dos sujeitos de diferentes sexos, a ciência vai promovendo uma (falsa) estabilidade, onde grupos e categorias relacionadas, como as de gênero e sexualidade, encontram esteio, repousando sobre a base de uma diferença “natural”. “A hipótese prevalente da integridade ontológica do sujeito [...] pode ser vista como o vestígio contemporâneo da hipótese do estado natural, essa fábula fundante que é constitutiva das estruturas [...]” (Butler, 2003, p. 19-20). Para Butler, essas ficções fundacionistas vão produzindo a verdade do sexo, definindo, nessa mesma medida, práticas regulares que reverberam em um conjunto de relações, atos, modos de ser considerados corretos, sadios ou mesmo naturais para os corpos. Essa economia regular da diferença vai desenhando ligações entre sexo, sexualidade e gênero, reverberando em modelos normativos. “Modelos ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2003, p. 38). Assim, a heterossexualidade, como enfatiza a autora, será produzida e interpretada como o padrão de normalidade na modernidade, engendrando *sujeitos-efeitos* que, no participar dessas ficções categóricas, vão “estilizando” seus corpos, organizando-os pelas vias de um “[...] conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulada [...], a qual se cristaliza no tempo para se produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 59).

Nessa esteira, Preciado (2014) mostra como a homossexualidade foi pela primeira vez categorizada, em meados de 1868, pelas instituições médico-legais, como uma prática contranatural, condição diametralmente oposta à de normalidade, vinculada a heterossexualidade. “Esse é, aliás, o momento preciso em que uma nova clivagem, heterossexual/homossexual, apareceu” (Preciado, 2011, p. 12). A homossexualidade é então tomada como uma patologia. Ao subverterem a matriz heterossexual, esses corpos passam a ser caracterizados como desviantes, rompendo com os modelos normativos de sexo/gênero/desejo ao vivenciarem outras experiências sexuais, corporais, performativas e afetivas.

Isso porque, conforme pontua Butler (2003), se a “norma” produz a heterossexualidade como modelo, ela também engendra, nessa mesma medida, a homossexualidade “transgressora”. “Afim, para que exista um ideal de normalidade faz-se necessária a produção de seus contrastes complementares, que sejam fabricadas noções de anormalidade e corpos que a sustentem” (Oliveira, 2021, p. 9). Em outras palavras, o poder, como engrenagem, produz tanto o aceitável e o dizível, quanto o inaceitável e o indizível. “O que permanece ‘impensável’ e ‘indizível’, nos termos de uma forma cultural existente, não é necessariamente o que é excluído da matriz de inteligibilidade [...]. O ‘impensável’ está assim plenamente dentro da cultura” (Butler, 2003, p. 116-117). Utilizando-se do termo “abjeto”, Butler se debruça mais densamente sobre os sujeitos que integram o segundo grupo: para a autora, serão considerados abjetos, os indivíduos tomados pelas instituições médico-jurídicas como antinaturais, por não compartilharem das práticas engendradas pela matriz heterossexual. Esses corpos dissidentes, ao romperem com normas como a de gênero – quebrando, portanto, o “pacto”

do que são esperados para os seus corpos⁶ –, passam a ser caracterizados como aberrações. A eles serão direcionadas uma série de práticas (médicas, jurídicas) que visam esquadri-nhar suas condutas, restringindo e limitando suas experiências políticas, sociais, econômicas etc. Nesse sentido, o lugar de abjeção se dá “[...] pelo não reconhecimento do que essas experiências de gênero e sexuais vivenciam” (Silva, 2021, p. 39). Ao desenharem práticas diferentes dos ditames hegemônicos, “que classificam os corpos sexuados e generificados seguindo o padrão binário homem/mulher e que se baseiam na linha compulsória corpo/gênero/prática sexual e desejo”, esses sujeitos perdem parcialmente sua condição de “humanidade” (Silva, 2021, p. 39).

Mas não somente, em uma virada ontológica, Butler (2003) vai além ao pensar sobre esses “corpos abjetos”, não se restringindo – na esteira de Foucault (2019) – a uma dimensão negativa dessas vidas. Assim, a autora estende o debate, defendendo que esses sujeitos dissidentes – gays, lésbicas, trans, *drags* etc –, ao romperem com a ficção reguladora da coerência heterossexual, escancaram o corpo como uma fronteira variável, que se desloca incessantemente. Nessa percepção, ele se transforma em uma materialidade ativa em relação ambígua com os processos normalizantes. Para Butler, são a partir dessas existências que conseguimos observar como os papéis e práticas, que naturalmente são atribuídas como próprias dos corpos masculinos ou femininos, não passam de conjuntos de regulações arbitrárias que se inscrevem nos corpos, em suas materialidades. Ao mergulhar no circuito ramificado desses indivíduos – que se constituem entre jogos de restrição, produção e confronto –, a autora conclui que categorias como a de gênero nunca devem ser pensadas como estanques, nem mesmo como dados *a priori* nos seres humanos, mas como efeitos dos corpos/sobre os corpos. São, portanto, as “incoerências” engendradas pelos corpos dissidentes que nos ajudam a visualizar como as categorias são sutilmente construídas no tempo, sendo investidas e inscritas repetidamente nos corpos. Trata-se então de pensá-las como *descontinuidades*, com aparência de substância, que possuem uma história.⁷

O gênero também é uma norma que nunca pode ser completamente internalizada: “o interno” é uma significação de superfície, e as normas de gênero são afinal fantasísticas [...]. Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada em atos ao longo do tempo, e não uma identidade aparentemente sem suturas, então a metáfora espacial de uma “base” é deslocada e se revela como uma configuração estilizada, a rigor, uma corporificação do tempo como marca de gênero. Mostrar-se-a então que o eu de gênero permanente é estruturado por atos repetidos que buscam aproximar o ideal de uma base substancial de identidade, mas revelador, em sua *descontinuidade* ocasional, da falta de fundamento temporal e contingente dessa “base” (Butler, 2003, p. 200-201).

⁶ A ciência entende, entre outras coisas, que o corpo com pênis ou vagina deve portar-se, respectivamente, de modo “masculinizado” e “feminilizado”. Para mais, ver: Preciado, 2018.

⁷ A noção de descontinuidade é explorada por Foucault em *As palavras e as coisas* (2007). Para mais, recomendamos a leitura do prefácio do livro.

Feitas algumas considerações acerca das tramas do corpo, sexualidade e gênero, sob as lentes de Michel Foucault, Judith Butler e Paul B. Preciado, passaremos para a próxima seção deste trabalho, onde mergulharemos em parte do processo histórico do sistema da moda para observar como certos significantes operam nos corpos, reafirmando os códigos binários, ditando ordens, ou mesmo a maneira correta dos indivíduos se portarem (mas não só). Olhando mais especificamente para a indumentária, observaremos como alguns de seus significantes atuam ativamente no mundo, não apenas servindo de instrumento para uma diferenciação dos corpos – em concordância com as “normas” –, mas também como possibilidade de abertura, engendrando outras perspectivas.

Moda e indumentária entre corpo e gênero

Como explorado no tópico anterior, o gênero é pensado, neste trabalho, como um modelo historicamente engendrado, materializado na experiência relacional dos corpos. Se, como vimos, o gênero não preexiste aos sujeitos, ele deve ser tomado como uma prática incessante de repetição: assim, nos termos de Butler (2003), ele se transforma em um ato performativo, que pela via da reincidência, produz um falso fundamento, dando aos sujeitos uma ilusória sensação de que somos naturalmente constituídos na binaridade (restando a masculinidade para alguns corpos e a feminilidade para outros). Sendo um efeito desse processo, os corpos dissidentes devem ser pensados também como um meio de visualização dessa relação ficcional: ao desenharem outras experiências sob as suas superfícies corporais, os sujeitos abjetos escancaram “[...] o status *performativo* do próprio natural” (Butler, 2003, p. 210).

Dessa percepção, Butler avança, indicando que não se trata de refletir apenas sobre o modo como o processo de generificação dos corpos se institui (algo que procuramos fazer no tópico anterior), mas também de observar como os aparatos culturais propiciam o encontro desses significantes com os sujeitos, engendrando efeitos de “colagem” nos corpos. Isso porque, “[...] o gênero não é escrito no corpo como se inscreve inteligivelmente na carne dos acusados o torturante instrumento de escrita de *A colônia penal*, de Kafka” (Butler, 2003, p. 210). Butler nos convoca então a pensar sobre como os significantes da cultura se proliferam, dando base tanto para o binarismo de gênero, quanto para os exercícios de contraprodução. Este será o nosso objetivo neste tópico: como pontuado, procuraremos olhar para esses processos a partir de uma observação histórica do sistema da moda. Mais especificamente a partir de um mergulho em significantes da indumentária, visualizaremos os modos de construção do binarismo nos corpos, tomando também a experiência *drag* de contraprodução.

Breve leitura sobre o sistema da Moda a luz da diferenciação dos corpos e da subjetivação

Em *O Império do Efêmero*, Gilles Lipovetsky (2009) toma a moda como um acontecimento histórico que tem o seu nascimento na sociedade ocidental. O autor afirma que é a partir do final da Idade Média que conseguimos reconhecer uma primeira experiência de ordem nesse ainda embrionário sistema: movimento, repetição, múltiplas formas, ornamentação, é da heterogeneidade e da contingência que se inicia e se faz a sua operação. Longe de

ser tomado como um dispositivo que sempre coexistiu aos sujeitos, Lipovetsky mostra que o seu surgimento contém uma história que se encontra atrelada a um conjunto de eventos dispersos. Entre tantas questões, o autor destaca que o advento da moda também deve ser pensado como consequência de um deslocamento do princípio de unicidade que até pouco antes da modernidade estruturou um modo de ser “coletivo” das sociedades ocidentais. Isso porque o coletivo quase sempre esteve fundado sobre ordens míticas, qualificadas no passado e perpetradas por séculos sem grandes mudanças fundamentais. “A legitimidade incontestada do legado ancestral e a valorização da continuidade social impuseram em toda parte a regra da imobilidade, a repetição dos modelos herdados do passado, o conservadorismo sem falhas da maneira de ser e de parecer” (Lipovetsky, 2009, p. 27).

Segundo Lipovetsky (2009), é somente com as transformações engendradas com o surgimento dos Estados-nações e o “nascimento” do indivíduo,⁸ que vemos os significantes da moda se proliferarem, colando-se rapidamente aos sujeitos, dando início a um profundo processo de diferenciação dos corpos até então nunca observado. Nesse contexto, o Estado não se encontra mais personificado na figura do Soberano, mas constituído na Representação, a partir da organização de jogos de símbolos agenciados por um poder difuso e invisível (Foucault, 2014). Percebe-se que as investidas desse novo mecanismo se darão sobre os corpos dos indivíduos, sendo ele o foco de disciplinas que atuarão moldando-o, regulando-o, tornando-o dócil. Trata-se de uma “[...] uma materialidade diferente, uma física do poder diferente, uma maneira diferente de investir no corpo do homem” (Foucault, 2014, p. 184).

Assim, é importante enfatizar que o desenvolvimento do sistema da moda não se encontra apartado do percurso do corpo na estruturação do poder disciplinar – e heterossexual, nos termos de Butler (2003) – mas, ao contrário, é parte das transformações que culminam na instituição de uma matriz socializante que passa a vigorar. Interessado nessa relação, Paixão (2013) examina como a sociedade disciplinar irá produzir uma intensa demarcação dos corpos, por exemplo, nas fábricas e nas indústrias. Assim, o autor observa que é pela via dos uniformes, um significante que passa a integrar a arquitetura panóptica, que os corpos serão dispostos e diferenciados nesses espaços, a fim de fazê-los produzir mais, tornando-os mais e mais eficientes. Exemplos como esse nos ajudam a pensar sobre como o refinamento de um poder microfísico, também materializado pela via de significantes como o da moda, atua produzindo corpos, organizando-os, gerenciando-os nessa invisível engrenagem. Corpos nas fábricas e nas prisões e o significante uniforme, corpos no espaço público e no espaço privado também com os seus significantes (guarda-chuva, chapéu, saia para as mulheres, calças para os homens), o corpo da criança e outros significantes (roupas com modelagens e cores diferenciadas para meninas e meninos) etc. Vale também lembrar que os enunciados científicos e jurídicos tipicamente modernos, denunciados por Butler (2003), expostos no tópico anterior deste trabalho, também integram essa mesma engrenagem, produzindo e reforçando – nesse mesmo tempo – uma distinção entre os corpos, a partir de um conjunto de outros significantes que, conforme apresentado, atuarão diferenciando-os entre naturais/normais ou dissidentes/abjetos, entre outros.

⁸ Aqui pode-se pensar que Lipovetsky segue uma leitura foucaultiana acerca da “irrupção” do homem, o que teria causado uma mudança “no domínio dos objetos científicos” ou mesmo uma “uma reorganização epistêmica que inaugurou, do ponto de vista histórico, um novo modelo de pensar [...]” (Saldanha, 2017, p. 22).

Esse poder que se exerce sobre o corpo é ininterrupto e, por isso, naturalizado, é internalizado pelo sujeito. A sociedade moderna construiu uma maquinaria de poder através do controle dos corpos (anatomia política) [...]. Essa anatomia política desenha-se aos poucos até alcançar um método geral e espalhar-se numa microfísica do poder que vem evoluindo em técnicas cada vez mais sutis, mais sofisticadas e, com sua aparência de inocência, vem tomando o corpo social em sua quase totalidade (Gregolin, 2003, p. 99).

Nesse sentido, conclui-se que é a partir de um esboço íntimo entre corpo, discursos, regulações científicas, leis, costumes, gestos, indumentárias, distribuição nos espaços, entre outros, que os indivíduos se transformam em *sujeitos-efeitos*, camadas homogêneas – em meio a um conjunto disperso e heterogêneo –, identificadas no compartilhamento de certas práticas, desejos e sociabilidades, recaindo em específicas experiências subjetivas. Nesses processos de subjetivação, como afirma Foucault (2016), os sujeitos imersos nessa rede transformam-se em indivíduos que se percebem de uma certa maneira no mundo. Pode-se pensar então como os significantes da moda participam desse processo: as indumentárias, os acessórios, os caracterizam nesse teatro social, assim como o seu trabalho, suas atividades, sua maneira de atuar e de agir no mundo. “[...] permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada” (Foucault, 2014, p. 146).

Nesse movimento, é necessário observar como a moda, ao integrar essa engrenagem, também acaba por produzir uma falsa estabilidade, criando a ilusão de que há uma propriedade anterior em seus significantes: sendo alguns naturalmente destinados aos corpos dos homens, enquanto outros encontram-se designados às mulheres. São criadas igualmente regras, normas e restrições acerca do que certos grupos sociais podem ou não vestir, como devem se portar, entre outros (Forty, 2007).

Vestir-se é parte dos atos performativos que reforçam o constructo social do gênero, e é possível pensar na produção das roupas como *normais* ou *corretas* para determinado grupo de indivíduos também como um dispositivo normalizante de corpos e atitudes. Afinal de contas, a afirmação de gênero que carrega [...] ‘uma roupa feminina’, consequentemente contribuindo para afirmar ser mulher aquela que a veste, implica no seu oposto: *não é uma roupa masculina* e, portanto, *não deve ser usada por homens*. Assim sendo, homens vestindo roupas femininas desviariam do que se convencionou *normal* (Neves, 2017, p. 37).

Vê-se então como um olhar histórico acerca dos significantes da moda nos auxilia a refletir sobre essa ilusória substancialização, vendo-os como ficções que participam da construção dos sujeitos, de seus corpos e gêneros. Ou, nos termos de Foucault (2016), um debruçar-se sobre os processos de desnaturalização – ou dessubstancialização – também nos torna capazes de avançar no debate, atentando para a capacidade dos sujeitos de organizarem outros modos de estar no mundo, operando experiências de contraprodução. “O indivíduo é efeito do poder, e ao mesmo tempo ou precisamente na medida em que o é,

neste sentido, ele é o elemento de sua articulação” (Foucault, 1980, p. 98, tradução nossa). Desse modo, faz-se necessário observar como atuam os sujeitos que perturbam os códigos normalizados produzindo novas significações. Um olhar sobre as práticas performativas dissidentes colocam em evidência como os significantes gerados por essa estrutura reguladora podem ser subvertidos e descristalizados. É desse encaminhamento que traremos para o debate a experiência *drag*, corpos que agenciam outras possibilidades de expressão e de elaboração. Para Butler (2003, p. 201), trata-se de corpos que evidenciam “[...] que o eu de gênero [...] é estruturado por atos repetidos que buscam aproximar o ideal de uma base substancial [...], mas revelador, em sua *descontinuidade* ocasional, da falta de fundamento temporal e contingente dessa ‘base’”. Veremos então como *drags*, ao borrarem os sentidos do que pode um corpo, escancaram, entre outras coisas, a ficção do gênero (e também dos significantes da moda) ao engendrarem novos e outros efeitos.

Corpos drags

Como atesta Trevisan (2000), *drags queens* quase sempre são associadas a sujeitos que se apropriam de certos códigos, “imitando” o feminino. De modo raso, esses corpos são também tomados como paródias jocosas, exibindo modelos de feminilidade pitorescas e caricaturais.

Dessas comuns interpretações se engendram outras mais complexas, que apontam para a dimensão paradoxal dessas existências. Nessa chave de leitura, entende-se que ao se desviarem das rotas do “regular”, os corpos *drags* margeiam entre o feminino e o masculino, migrando temporalmente entre esses polos. Assim, nos termos de Butler (2003), *drags* devem ser interpretadas como manifestações que se expressam nas/pelas bordas: na alternância entre gêneros, sem previsão de hora, nem lugar – físico, jurídico e epistêmico – “universalmente” reconhecidos, essas existências escancaram a capacidade dos corpos de se produzirem e de se deslocarem incessantemente. Essas existências também evidenciam que a condição “natural” de um sexo não determina os rumos de um corpo: isso porque, *drags* quase sempre detêm sexualidades “dissidentes”, seguindo, muitas vezes, uma prática diferente daquela considerada regular ou mesmo “biologicamente” esperada para os seus corpos.

Como nos conta Chidiac e Oltramari (2004), em consonância com Butler, trata-se de pensá-los também como personagens que forjam uma outra identidade, simulando um nome, uma sociabilidade, uma rede de preferências, de desejos, de gestos, não necessariamente convergentes às experiências vivenciadas pelo “outro” que também habita este corpo. Assim, Louro (2004) atenta para a frágil fronteira criada entre o “eu” e o “outro”, observando como esses “viajantes das fronteiras” evidenciam o caráter arbitrário das delimitações de gênero (ora sou um, ora sou outro, sempre sou um *performer*). “[...] a paródia [...] embaralha seus códigos com os ‘desse lado’, mistura e confunde as regras, que combina e distorce [...]” (LOURO, 2004, p. 20). Trata-se então de pensar essas vivências como um duplo: vemos esses indivíduos irrompendo, através da performatividade em *ziguezague*, modos de estar no mundo, alargando as fronteiras do que pode um corpo.

Nesse movimento, é possível observar o engendramento de uma rede *drag* que não cessa de se proliferar: assim, vemos surgir uma miríade de estilos, acessórios, indumentárias, formas de ser e de performar. Isso porque não há sequer UM modo de *transformar-se*, não existe um manual que defina os códigos corretos de um *tornar-se drag*. Ao caracterizarem-se, esses corpos passeiam entre muitos significantes, apropriando-se dos diversos códigos disponíveis

no sistema da moda. Sem uma direção prévia, eles vagueiam entre significantes femininos e masculinos, utilizando-os muitas vezes ao mesmo tempo e de maneiras pouco previstas. Por meio da *hashtag* #dragqueens, conseguimos acessar diversas páginas de performance *drag* no Instagram, sendo comum observar corpos que portam bigode e barbas, além de uma miríade de outros elementos associados tanto ao “mundo” masculino, quanto ao feminino. Das três primeiras páginas que apareceram disponível em nosso primeiro acesso a tal *hashtag*,⁹ nos deparamos com corpos drags que portavam tanto camisa de futebol americano, calça jeans, tênis, quanto perucas delicadas, elegantes e louras, maquiagens, salto alto etc. Nessa sinuosidade, as *drags* escancaram a falsa substância dos significantes da moda, mesclando-os, misturando-os, transformando-os pela via de seus corpos.

Para as fronteiras constantemente vigiadas dos gêneros e da sexualidade, a crítica paródica pode ser profundamente subversiva. Em sua “imitação” do feminino, uma *drag queen* pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. De que material, traços, restos e vestígios ela se faz? Como se faz? Como fabrica seu corpo? [...] Que princípios ou normas “cita” e repete? [...] Ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com a mistura. Uma *drag* é mais que um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos [...] (LOURO, 2004, p. 20-21).

FIGURA 1 -VENEDITA VON DÄSH



Autoria não identificada. FONTE: <<https://www.instagram.com/veneditavondash/>>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

⁹ Acesso realizado em 20 de outubro de 2023.

FIGURA 2 –DOGMA



Autoria não identificada. FONTE: <https://www.instagram.com/d_ogma/>.
Acesso em 20 de outubro de 2023.

FIGURA 3 –JAXIE



Autoria não identificada. FONTE: <<https://www.instagram.com/jaxieworld/>>.
Acesso em 20 de outubro de 2023.

Ao seguir navegando pela *hashtag* #dragqueens, é possível observar uma gama de outros códigos e signos tomados por esses corpos. No caminhar por essas páginas, vemos não somente o engendramento de uma profusão de discursos, poses, gestos, atitudes, mas atentamos também para os espaços ocupados por esses corpos no âmbito público, político e da comunicação *mainstream* (questões que em nossa interpretação, não só merecem mais atenção, como requerem investigações mais aprofundadas). Com a pretensão de contribuir para tal aprofundamento, o percurso aqui trilhado, na medida em que propiciou um debate acerca dos corpos *drags*, em relação aos processos históricos de constituição e de subversão, possibilitou a visualização dos modos de normalização dos sujeitos e das possibilidades de engendramento de novos processos, escancarando a não substância de muitos elementos tomados como “naturais” desde a modernidade. Concluímos que as vivências *drags*, ao desenharem singulares narrativas para seus corpos, utilizando-se de significantes da cultura, escancaram, entre outras coisas, que a tríade corpo/gênero/sexualidade, assim como o sistema da moda, não passam de descontinuidades, *tramas ficcionais* com aparência de substância que possuem uma história.

Considerações finais

Esse trabalho propiciou um mergulho nas tramas do corpo, sexualidade e gênero. A partir de um diálogo entre Butler, Foucault e Preciado, observou como são criados os critérios de normalidade e naturalidade na modernidade. Por se desviarem dessas categorias, vimos como alguns corpos serão tomados como abjetos e dissidentes, tendo sua condição de humanidade questionada. Seguindo as indicações de Judith Butler, partimos para pensar sobre como os significantes da cultura se inscrevem nas corporalidades, naturalizando modelos de normalidade, produzindo e diferenciando os corpos, reforçando categorias como a de gênero. O sistema de moda é percebido então como parte dessa engrenagem, que atua distribuindo e diferenciando os corpos. Desse ponto, observamos como indumentárias, acessórios, entre outros elementos, atuam subjetivando os indivíduos, incutindo modos de estar e de habitar o mundo. Esses sujeitos, ao se reconhecem nesses significantes, se percebem de um certo modo no mundo: homem, mulher, de um certo estilo, de certa classe social etc. Vimos também que dessa engrenagem, não se produzem apenas corpos normalizados, mas outros modos de existência: observamos então como os corpos *drags* engendram outras maneiras de lidar com o corpo, performando identidades, borrando os sentidos do feminino e do masculino. Ao escancarem o não fundamento dos significantes (também aqueles associados a moda), esses sujeitos expressam que o que resta é a transitoriedade.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHIDIAC, Maria Teresa V; OLTRAMARI, Leandro Costa. **Ser e estar drag queen**: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 2004, p. 471-478.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge**: select interviews and other writings. New York: Pantheon Books, 1980.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O Acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do Tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 95-110.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEVES, Maíra Teixeira de Macedo. **Inconformidades indumentárias**: reflexões sobre moda e *crossdressing*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Kris Herik de. "Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria *queer*". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, e67637, 2021.

PAIXÃO, Humberto da. **Saber, poder e sujeito no dispositivo da moda**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro/abril/2011.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SALDANHA, Victor Hugo de Oliveira. O advento do homem e das ciências humanas: uma leitura da modernidade à luz de Foucault. **Revista Primordium**, v. 2, n.3, jan/jun, 2017, p. 19-31.

SILVA, Marcos Mariano Viana da. Notas sobre a apropriação da obra de Judith Butler e dos estudos queer no Brasil. In: FILHO, Ricardo Prata; CASTRO, Thais de Bakker (Org.). **Lendo Judith Butler**: apropriações teóricas e políticas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021. p. 31-45.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade (5a ed.). Rio de Janeiro: Record, 2000.

Agradecimentos

Laura Loyola, revisora e ilustradora. Formada em Letras português/alemão pela UERJ e Pós-graduada em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio.